

Meu Tipo

Inesquecível

Lewis Galantière



JANTÁVAMOS no terraço do apartamento do último andar de um edifício que dominava o Central Park de Nova York. Era no verão de 1942. O homem que nos recebia era Antoine de Saint-Exupéry, aviador e escritor. A sua mera aparência era inesquecível. Saint-Ex, como lhe chamavam os amigos, media 1,85m de altura. Tinha cabeça redonda com cabelos cortados rente, pescoço taurino, tórax abaulado, cintura fina, longas pernas curvadas para dentro que terminavam em grandes pés chatos que êle arrastava quando estava com pressa. Visto de perfil, com o nariz pontudo e arrebitado, os grandes olhos protuberantes plantados quase de lado na cabeça, parecia o homem-pássaro que era.

A noite era amena e a conversa animada. Estávamos com alegre dis-



LEWIS GALANTIÈRE é banqueiro, escritor e já traduziu para o inglês alguns dos maiores escritores franceses: Mauriac, Cocteau, Valéry e o seu amigo Saint-Exupéry. Trabalha como consultor político da grande organização anticomunista particular, o Comitê da Europa Livre.

posição e eu de repente comecei a pilheriar com o dono da casa:

—Você não passa de um fraco. Não sei como foi perder tempo com aquêlê homenzinho cacête com quem almoçou ontem. O seu mal é que você não tem coragem de ofender ninguém.

Saint-Ex inclinou a cabeça para o lado e sorriu brandamente.

—Acho que tem razão—concordou comigo.

De súbito empertigou-se e exclamou:

—Nada disso! Você não tem razão alguma! Aquêlê homem veio procurar-me porque necessitava de ajuda. Se eu não o quisesse ver, êle poderia pensar que não merecia a minha atenção.

Foi então que fêz essa inesquecível afirmação:

—Não tenho o direito, em qualquer coisa que faça ou diga, de rebaixar um homem no seu próprio conceito. O que importa não é o que penso dêle, mas o que êle pensa de si mesmo. Solapar o respeito próprio de um homem é pecado.

Era assim Saint-Ex, e o que êle era, ainda mais do que o que êle fêz, é que mantém viva a sua lembrança. Tenho conhecido melhores aviadores e escritores maiores, mas nenhum que tivesse o toque de grandeza moral que Saint-Ex possuía. Não pregava a fraternidade humana mas a vivia e, vivendo-a, ensinava-a.

O Conde Antoine de Saint-Exupéry era um piloto da geração de pioneiros de Lindbergh, quando todos os vôos intercontinentais eram uma aventura e uma batalha com os elementos. Desde 1927, êle transportara malas-postais da França para a África. Em 1929, estabeleceu rotas aéreas na América do Sul. Pilotou aviões na “guerra falsa” de 1939-1940 e também na África e na Itália quatro anos depois. Da sua carreira nasceram os seus livros—*Vento, Areia e Estrêlas* e *O Pequeno Príncipe*,* lidos por milhões de pessoas no mundo inteiro; *Vôo Noturno*,** de que foi feito um belo filme; *Vôo Para Arras*, nobre narrativa de um grupo de franceses que executavam missões de vôo de cuja inutilidade tinham consciência, mas que apesar de tudo voavam pela França, quando esta já estava prestes a cair. Êle viu a

verdade suprema de que na guerra a vitória e a derrota são palavras ôcas. “Derrota, vitória; têrmos que não sei o que significam”, escreveu êle em *Vôo Para Arras*. “Há vitórias que exaltam, outras que corrompem. Uma derrota pode matar, outra pode ser fonte de vida.”

Se Saint-Ex estivesse presente quando os russos invadiram a Hungria em 1956, teria dito que a derrota do povo húngaro foi para êle uma fonte de vida; a vitória dos soviéticos só lhes trouxe corrupção e morte.

Saint-Ex transformava as pessoas, ao menos enquanto estavam com êle. A sua presença dava ânimo ao tímido, envergonhava o impertinente, fechava a bôca do mentiroso. Êsse nobre de requintada educação passou 20 anos em quartéis e remotos campos de aviação. Não era homem para escandalizar-se com a rude linguagem da vida de acampamento. Tinha, entretanto, uma maneira de olhar que fazia parar no meio as obscenidades sem espírito. Não reclamava, encarava apenas, mas era como se o seu olhar fizesse o contador da anedota ver as palavras transformarem-se numa névoa sem fôrça quando lhe saíam da bôca.

Tivemos uma discussão certa noite. Perdi a calma, disse-lhe coisas duras e voltei para casa à meia-noite, revoltado comigo mesmo. Receava havê-lo ofendido e estava envergonhado. Tinha razão de estar envergonhado, mas não precisava ter receio. Êle sabia que eu me causara maior mal do que lhe fizera. Na ma-

* Livraria Agir Editôra, Rio de Janeiro.

** Difusão Européia do Livro.

nhã seguinte, encontrei debaixo da minha porta uma carta de 17 fôlhas em que êle se limitara a consignar de novo os seus argumentos, sem uma palavra de censura. Escrever aquela carta e ir deixá-la debaixo da minha porta nas primeiras horas da manhã era a sua maneira de oferecer a outra face.

Saint-Exupéry chegou a Nova York—era de fato a sua quarta visita àquela cidade—no último dia do ano de 1940, exilado da França que os nazistas dominavam. Ali ficou dois anos e meio, até o dia em que pôde voltar com a farda de major da aviação francesa na campanha da África. Viveu no exílio inquieto e infeliz, não vendo meio de tornar a lutar pela sua pátria e abstando-se de participar das disputas políticas que lançavam franceses contra franceses. Apesar da sua infelicidade, foi ali que êle escreveu *Vôo Para Arras* e essa admirável fábula para adultos que é *O Pequeno Príncipe*.

Em Nova York, Saint-Ex alugou o apartamento num 23.º andar de que falei, porque muitos franceses se mostram tão românticos a respeito dos arranha-céus de Nova York quanto os americanos o são em relação aos castelos e às águas-furtadas dos artistas da França. Saía raramente, mas precisava de companhia e quase nunca passava o dia sozinho, tendo nas fartas rendas da venda dos seus livros os meios de oferecer hospitalidade. Gente de toda espécie o procurava: editôres, escritores, físicos—êle era excelente matemático e

tinha invenções patenteadas no campo de vôo por instrumentos. Velhos camaradas da aviação apareciam, vindos da África, da Indo-China, da América do Sul. Comiam, bebiam, cantavam, discutiam, contavam histórias—no terraço, quando fazia bom tempo, dentro de casa quando o tempo era ruim, por entre uma confusão de manuscritos, cafeteiras, garrafas, correspondência, cartas de jogar (eram famosos os seus truques com cartas) e a infinidade de objetos—fósforos, espelhos de bôlso, elásticos—com que êle maquinava diversas invenções.

Como era possível escrever e viver assim? Êle escrevia à noite, na mesa da sala de jantar, numa caligrafia fantásticamente ilegível, até sentir fome. Saía então para ir a um restaurante aberto a noite inteira, onde, depois de um prato de carne picada crua encharcada de azeite doce e coberta de pimenta, podia escrever até amanhecer o dia. De volta à casa, deitava-se e lia num ditafone o que havia escrito, fazendo correções à medida que ia lendo. Às nove da manhã, uma dactilógrafa aparecia para bater à máquina o que êle ditara, enquanto êle dormia até que os seus convidados batendo na porta da rua lhe mostravam que estava na hora do almôço.

Saint-Exupéry começara a escrever aos seis anos de idade. Disseram-me que, aos 12 anos, acordava o irmão altas horas da noite para submeter-lhe à crítica os seus poemas. Bem posso acreditar nisso. Quando

eu estava traduzindo *Vôo Para Arras*, de capítulo a capítulo logo que êle os escrevia, êle me fazia consultas às duas ou três horas da madrugada. O meu telefone tocava. Eu atendia ainda dormindo e ouvia a voz abafada e rápida que me recitava as frases ardentes e complicadas, depois do que vinha a pergunta:

—Que é que acha? Acertei desta vez?

Ainda tonto de sono, eu podia apenas murmurar:

—Magnífico! Isso esclarece tudo!

—Ah!—dizia êle.

Seguia-se o silêncio e êle desligava. Não creio que jamais houvesse percebido que, de nós ambos, apenas êle estava acordado.

Tinha o sentimento da perfeição. Rasgava cem páginas por uma que mandava para a tipografia. Era preciso arrebatá-lhe os originais das mãos. Levou quatro anos para escrever o pequeno volume de *Vôo Noturno*, sete anos para redigir e polir *Vento, Areia e Estrélas*. Quando eu estava traduzindo êste último, na Virgínia, êle me escrevia duas ou três vezes por semana de Paris para propor alterações não apenas de estilo mas de sentido. Resisti, e publicamos em inglês um livro um quarto maior do que o texto francês definitivo. Êle chegou a mudar o título em francês para um que significava *Terra dos Homens*.* Um dia, êsse homem fantástico chegou de Paris sem outro intuito senão o de assegu-

rar-me que não ficara aborrecido com a minha recusa de efetuar os cortes que êle fizera. Embarcou de volta três dias depois no mesmo navio.

Muitas vêzes levantei comigo mesmo a questão: baseava-se a filosofia de Saint-Ex na sua carreira de piloto ou acontecia justamente o inverso? Sem dúvida, a aviação, os anos de contemplação solitária de um ponto perdido nos céus deram-lhe uma visão particular do homem e do planeta em que vivemos. Foi um explorador do destino do homem e meditou poeticamente sobre as suas descobertas. Julgava, por exemplo, que as nossas fazendas e aldeias são simples oásis esparsos num planeta sem alma, quase todo composto de pantanos, mar, pedras e neve. Segundo êle, não há mistério na igualdade dos filhos de Deus; bem o percebemos sempre que uma coletividade abandona tudo para ir salvar um mineiro soterrado ou uma criança que caiu num poço. Quando Saint-Ex e o seu mecânico, delirantes ao fim de três dias sem água, depois de caírem com o avião no deserto da Líbia, foram salvos por um árabe que passava, Saint-Ex nunca esqueceu a sua fraternal compaixão. Disse êle em *Vento, Areia e Estrélas*: “Tu, beduíno da Líbia, nosso amado semelhante, não sabias quem poderíamos ser, mas nos reconheceste sem erro. Por minha vez, te reconhecerei perante toda a humanidade.”

No dia 31 de julho de 1944, duas semanas antes dos desembarques aliados no sul da França, Saint-Exupéry

* Livraria José Olympio Editôra, Rio de Janeiro.

partiu de avião do Campo Borgo, na Córsega, numa missão de reconhecimento que não lhe cabia executar, que ia "além dos limites do dever". Tinha 44 anos de idade e ia aos controles de um aparelho em geral manejado pelos rapazes de metade da sua idade, um monoplace Lightning P-38. Nunca mais se soube nem dêle nem do seu avião. Quatro anos depois, documentos alemães revelaram que a Luftwaffe abatera um avião naquela área naquela manhã. O único avião em ação era o de Saint-Exupéry. É só o que se sabe do seu fim.

Algumas pessoas diriam que essa é uma maneira ideal de um piloto-filósofo morrer. Não conheço maneira ideal de morrer para um homem ainda vigoroso e que não está pronto para o sono e a dissolução natural, para um homem em busca do segrêdo da existência e bastante môço ainda para dedicar muitos anos a essa tarefa.

Uma vez que nos habituamos à idéia da sua morte, nós que éramos seus amigos, começamos a lembrar-nos de uma porção de coisas a seu respeito. Era um homem que não sabia guardar dinheiro; era incapaz

de negar um empréstimo; era a espécie de homem de quem tôdas as mulheres desejavam cuidar; era infantil nas suas distrações e no seu humor caprichoso; era tempestuoso nas discussões com um igual, e delicado e conciliatório com os pobres de espírito.

Mas com o decorrer do tempo compreendemos que não estávamos absolutamente falando sôbre o verdadeiro Saint-Exupéry. Falávamos a respeito do pouco que havíamos conseguido conhecer daquele homem enquanto vivia. Chegou afinal o dia em que percebemos que havíamos perdido não um companheiro, mas um mestre. Sem que o soubéssemos, êle nos moldara. Se nas nossas relações com os outros éramos menos impacientes e menos egoístas do que dantes, era em parte ao menos graças a êle. Ensinara-nos a grande lição—perdoar aos outros e não apenas a nós.

Não podia haver uma cordialidade vazia e superficialmente sentimental na recordação que nos ficou de Saint-Exupéry. Os seus amigos não dizem uns aos outros: "Até que sinto falta daquele danado." O que dizemos é: "Sinto falta dêle."



NA Divisão do Impôsto de Renda, onde trabalho, deparei com êste exemplo de lógica feminina: na cédula de deduções de sua declaração, um modêlo de modas havia anotado: "Conservação e Melhorias—Tratamento para emagrecer: 200 dólares."

—S. K.